

A ARQUITETURA INDUSTRIAL DE HANS BROOS

Bernardo Brasil Bielschowsky

Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC)

bbrasilarquitecto@yahoo.com.br

Membro do TICCIH-Brasil

Resumo:

Este trabalho procura contribuir com o debate sobre a arquitetura industrial nacional, analisando alguns projetos do arquiteto Hans Broos e algumas influências que ele resgata de seus trabalhos ao lado do arquiteto Egon Eiermann, grande nome da reconstrução da Alemanha no período pós-guerra. O aquecimento da economia nacional, impulsionado pela instalação do regime ditatorial de 1964, refletiu na modernização do parque industrial da matriz da Cia. Hering em Blumenau/SC, com a elaboração de um plano piloto e a instalação de unidades satélites nas cidades do Vale do Itajaí, o que possibilitou a permanência de alguns espaços históricos na matriz. O projeto elaborado (1968-1975) foi considerado “um entre os projetos industriais mais interessantes iniciados nos anos de 1960” por Hugo Segawa (1997, p. 161) e “o mais interessante parque industrial criado no país nos últimos 30 anos” pela revista Projeto na edição comemorativa de número 300 (março 2005).

Palavras-chave: Hans Broos, arquitetura industrial, Blumenau/SC

Introdução

Em 1955 a Cia. Hering completava 75 anos apresentando uma configuração espacial dividida em três grandes setores ao longo da Rua Hermann Hering: 1. O núcleo da fábrica, como marco de chegada ao complexo industrial e que faz a demarcação do espaço industrial; 2. O núcleo da vila operária, que se desenvolveu ao longo da mesma rua; 3. O núcleo inicial fabril bem ao fundo, onde terminava a rua (neste núcleo há uma pequena divisão entre a parte fabril e a moradia dos empresários e técnicos). A Rua Hermann Hering é de grande importância histórica, pois todo o complexo industrial se desenvolveu ao longo dela, que nesta época ainda era uma rua sem saída, ou seja, conectava somente a empresa e as residências jardins (principalmente dos familiares Hering) ao Centro da cidade. Os operários que moravam ali se transferiram para o bairro da Velha, através da futura Rua Bruno Hering, que foi urbanizada definitivamente somente na década de 1960 para a passagem de veículos

e tornou-se de grande importância para toda a cidade.

Foi com esta composição que a Cia. Hering chegou à década de 1960, período de aquecimento da economia nacional impulsionado pela instalação do regime ditatorial de 1964, que refletiu na modernização do parque industrial. Essa modernização tornou-se um projeto muito mais audacioso, com a elaboração de um plano piloto e a instalação de unidades satélites nas cidades do Vale do Itajaí, além de representar a permanência de alguns espaços históricos no núcleo mais antigo da empresa. A empresa contratou o arquiteto Hans Broos, que já tinha experiência em arquitetura industrial desde quando trabalhou na Alemanha, que tratou de elaborar um plano piloto para a empresa, num planejamento regional, com a instalação de unidades satélites nas cidades próximas do Vale do Itajaí, como Indaial, Rodeio, Ibirama, Benedito Novo e Gaspar, além da unidade satélite da Água Verde em Blumenau. Com a implantação dessas unidades de costura, que exigiam grande quantidade de mão de obra e espaço físico, fora da unidade da matriz do Bom Retiro, foi possível elaborar o plano de modernização do parque industrial sem precisar demolir as edificações mais significativas. Broos seguiu os princípios utilizados pelos imigrantes que implantaram as principais unidades fabris têxteis da região: ao mesmo tempo em que se adaptavam ao ambiente encontrado, também dominavam tecnicamente este ambiente, moldando-o às suas necessidades. O presente trabalho pretende demonstrar algumas influências que o arquiteto Hans Broos resgata de seus trabalhos ao lado do arquiteto Egon Eiermann, grande nome da reconstrução da Alemanha no período pós-guerra, porém adaptadas às novas necessidades encontradas no local.

O arquiteto Hans Broos

Hans Broos foi um exemplo de arquiteto militante da profissão, que acreditava na transformação da cultura pela paisagem, incluindo aí a arquitetura, o urbanismo, o paisagismo e o meio ambiente, sobretudo a relação entre o homem, natureza e cultura. De fato, Broos construiu um olhar singular voltado a paisagem, de compreensão da associação entre natureza e cultura, respeitando a história e a subjetividade humana, olhar que ficou materializado em suas obras como, por exemplo, no Plano Piloto da indústria Hering, projeto que contou com a colaboração do paisagista Burle Marx e do geógrafo Aziz Ab'saber, numa abordagem transdisciplinar, que caracteriza a obra do arquiteto. Hans Broos fez parte daquela geração de arquitetos europeus que, no imediato pós-guerra, fixou-se no Brasil, como Franz Heep, Víctor Reif, Lina Bo Bardi, Giancarlo Piretti e tantos outros que contribuíram para a evolução da arquitetura moderna em nosso país.

Nasceu em Gross-Lomnitz, hoje território eslovaco, em 1921, filho de marceneiro, aprendeu o ofício da profissão de arquiteto prestando serviço manual, como aprendiz de pedreiro e carpinteiro, incluindo o exercício do *wander*, a necessidade de viajar a pé, a cavalo ou de trem pela Europa, com um diário de anotações. Essas condições preparatórias influenciaram a obra do arquiteto ao longo dos anos. Formado na Universidade Técnica de Braunschweig, muda-se em 1949 para Karlsruhe, onde inicia sua carreira como assistente do professor Egon Eiermann, grande nome da arquitetura alemã do pós-guerra, desenvolvendo também alguns projetos como arquiteto. Participou ainda da reconstrução da cidade de Lübeck.

Influenciado pelo movimento moderno europeu e impressionado com o que leu a respeito da arquitetura moderna brasileira, especialmente no catálogo Brazil Builds (MoMA - NY), na qual sobressaía o projeto do edifício-sede do Ministério de Educação e Saúde, obra do arquiteto Lúcio Costa, discípulo de Le Corbusier, construído no Rio de Janeiro em 1936, Broos resolve migrar para o Brasil em 1953, instalando-se em Blumenau/SC, cidade de colonização alemã. Convalida seu diploma na então Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, quando foi convidado pelo reitor e futuro ministro da Educação Pedro Calmon para realizar um estudo, na forma de um livro, sobre a arquitetura e o modo de vida dos descendentes de açorianos do litoral da Santa Catarina. Realiza trabalhos por toda Santa Catarina, inserindo na paisagem sua arquitetura moderna e diferenciada para a época e compreendendo o espaço encontrado através da paisagem e da cultura local.

Na década de 1960 já tem reconhecimento nacional e necessita transferir seu escritório para São Paulo/SP. Continua elaborando projetos de arquitetura residencial e institucional, mas inicia um processo de realização de obras de grande vulto por todo o país, principalmente em obras industriais, como as unidades da Cia. Hering em Santa Catarina e no Nordeste, e obras religiosas, como a igreja São Bonifácio, Mosteiro São Bento e Abadia Santa Maria em São Paulo. Nesse período ganha visibilidade internacional e conta com colaboradores muito especiais, como Roberto Burle Marx e Aziz Ab'Saber, entre outros. Na década de 1980 reside em Pernambuco por ocasião da construção da Fábrica Têxtil Hering do Nordeste. Neste período realiza projetos em Recife, Olinda e no interior de Pernambuco. Desenvolve também projetos ao lado do artista plástico Francisco Brennand e do sociólogo Gilberto Freire.

As expansões do núcleo da matriz da Cia. Hering

Hans Broos projetou uma nova malharia que fica ao lado do setor da fiação, uma nova unidade para a costura que fica ao lado da antiga costura e onde, atualmente, funciona o setor administrativo, um centro de expedição e diversas outras edificações necessárias para a modernização do parque fabril, tanto para atender às novas necessidades produtivas, como novos maquinários, por exemplo. Porém, preservou diversas edificações de importância histórica, como algumas residências da família Hering, o refeitório dos funcionários, o edifício da antiga costura e o antigo edifício da fiação, que é o cartão postal de entrada do complexo industrial. Além disso, projetou um espaço social com uma praça com cobertura translúcida que liga o novo refeitório à residência preservada da família com uma fonte que remete à água, que foi o fator decisivo para a instalação da empresa naquele local. Este setor social, com refeitório e atendimento médico, e a cobertura é um terraço jardim assinado por R. Burle Marx.

Esse núcleo inicial estava localizado no final da Rua Hermann Hering, no fundo do Vale do Bom Retiro, onde os Hering implantavam também suas residências, moradias para técnicos especializados, vila operária, centro de cultura e estavam muito próximos da zona central da cidade. Após a implantação da fiação (fator decisivo para o desenvolvimento da indústria e independência da importação fio do exterior, pouco antes da primeira guerra mundial) e sua expansão, a vila operária foi substituída por novos edifícios da fiação e da nova malharia. Para facilitar o acesso dos funcionários que se transferiram para o bairro da Velha e atender à necessidade funcional do escoamento da produção para as demais unidades satélites, foi necessária a urbanização da Rua Bruno Hering.

O programa de necessidades elaborado por Broos possuía inúmeras restrições, como a adequação ao ambiente natural, construído e produtivo existente: um fundo de Vale com configuração estreita e alongada, com edificações históricas importantes para a identidade da empresa e a impossibilidade de modificar a parte produtiva em funcionamento e em constante crescimento. O partido geral adotado foi justamente atender a essas necessidades: preservar a identidade do local, a paisagem e as edificações mais significativas, inserir novos edifícios sem retirar a importância das edificações históricas e conciliar os novos edifícios e seus usos ao sistema produtivo em pleno funcionamento. O projeto elaborado para o complexo fabril da Hering Matriz (1968-1975) foi considerado “um entre os projetos industriais mais interessantes iniciados nos anos de 1960” por Hugo Segawa (1997, p. 161) e “o mais interessante parque industrial criado no país nos últimos 30 anos” pela revista Projeto na edição comemorativa de número 300 (março 2005).

Hugo Segawa descreve que nesse momento o arquiteto ainda não podia projetar edifícios de melhor qualidade, pois além de não ser uma encomenda típica aos arquitetos, a maioria das instalações industriais se localizava em antigos galpões, improvisados ou adaptados, na sua maioria. “Predominava o galpão industrial isolado sem a amplitude de um conjunto mais amplo de preocupações quanto à expansão das instalações, sistemas de segurança industrial e controle de emissão de resíduo, dependências de atendimento social e conforto dos operários” (SEGAWA, 1997, p. 161). Segawa refere-se ao contexto nacional de forma geral, porém em Blumenau, e em muitas outras cidades, já tínhamos bons exemplos deste tipo de arquitetura que caracterizam o nosso Patrimônio Industrial nacional. A forma de implantação dos antigos edifícios industriais já levava em conta vários fatores relevantes, como a relação destes com a natureza, possíveis expansões, formação de um conjunto unificado, interação do proprietário com o trabalhador e da indústria com a cidade.

Foi justamente este o partido geral adotado por Broos para a implantação do plano piloto da Cia. Hering, visto que sua formação contemplava essas relações de cunho mais filosófico e suas experiências práticas trazidas da Alemanha, como os trabalhos desenvolvidos em parceria com Egon Eiermann (inclusive os projetos industriais) já lhe qualificavam para tal. Karine Daufenbach (2006) considera que Hans Broos conseguiu conciliar diversos elementos conceituais que se refletiram nesta obras, como sua formação europeia mais rígida, sua necessidade de diálogo com o ambiente natural encontrado no Brasil, o seu saber empírico trabalhado sobre as bases da modernidade e sua arquitetura que busca legitimidade na tecnologia da construção moderna.

“A obra arquitetônica de Hans Broos insere-se na revisão dos postulados do Movimento Moderno pós-Segunda Guerra, em que se evidencia uma desilusão em relação à confiança desmedida na razão, e conceitos como racionalismo, história e natureza são profundamente modificados. Ao mesmo tempo em que sua arquitetura conjuga valores idealistas, ligados, em parte, ao espírito vanguardista presente na obra e no pensamento do arquiteto, pressupõe esta nova perspectiva da realidade. São aspectos que se traduzem em uma arquitetura síntese entre pragmatismo e racionalidade, que exalta o “novo”, mas cede ao valor da tradição; que é sentida e revelada na construção, nos materiais, nas relações com o lugar e com a luz, tendo como resultado plástico a busca pela expressividade na arquitetura” (DAUFENBACH, 2006).

O projeto que foi executado manteve as edificações históricas de maior relevância e o

Ribeirão do Bom Retiro foi canalizado. Porém, nenhuma edificação foi construída no local, apenas uma praça aberta com uma fonte que simboliza a importância da água para a empresa. Broos considera que aquela fonte representava o “coração” da empresa e não pode deixar de funcionar nem um minuto, senão a empresa pode “morrer”. Esse depoimento demonstra melhor como o arquiteto consegue ter a apreensão do lugar.

Fazendo uma leitura das edificações industriais a partir da fiação, a empresa apresenta uma nova setorização (Figura 1), com as expansões da fiação e o novo edifício da malharia substituindo a antiga vila operária, além da modernização do antigo núcleo inicial e novo setor administrativo e social, que será apresentado posteriormente. O primeiro edifício da fiação foi preservado, assim como o terceiro e o quarto, demonstrando a intenção de se preservar uma leitura continuada da história da indústria local, através da preservação dos edifícios de diferentes períodos que estavam voltados para a Rua Hermann Hering.



Figura 1: Foto aérea da empresa na década de 1980. Fonte: Hans Broos S.C. Ltda, 1980. Elaboração: Bielschowsky, 2009.

Devido à grande quantidade de produção da empresa, o setor de fiação foi o que mais expandiu espacialmente e ocupou boa parte do terreno da empresa. Foi construído mais um edifício de expansão da fiação. Espaços mais funcionais e adequados à grande produção, porém com pouca ventilação e iluminação natural. Externamente é

um edifício neutro e baixo, na cota da fiação já existente, que faz a conexão entre os edifícios, mas deixa a maior importância para o edifício da nova malharia.

O edifício da nova malharia

O edifício da malharia foi projetado por Broos na década de 1970 e demonstra parte da influência adquirida na Alemanha, quando no final da década de 1940 participou dos projetos da “*Bauten der Ciba AG*” (1948-1952) em Wehr (Baden) e da “*Taschentuchweberei der Spinnerei Lauffenmühle KG*” (1949-1950) em Blumberg (Baden) ao lado do arquiteto Egon Eiermann. Os conceitos e as diversas soluções utilizadas nesse último projeto em Blumberg aparecem no edifício da nova malharia, porém adaptadas ao ambiente, às técnicas e aos materiais utilizados por Broos aqui no Brasil (Figura 2).



Figura 2: Edifício de Eiermann em Blumberg em terreno plano e o edifício de Broos adaptado ao relevo e ao sistema produtivo. Fontes: “*Egon Eiermann (1904-1970) Die Kontinuität der moderne*”, *Städtische Galerie Karlsruhe und Bauhaus-Archiv Berlin*, 2004, Daufenbach, 2006 e Bielschowsky, 2009.

O grande mérito de Broos está na leitura que ele consegue obter da paisagem e da história do local de implantação de seus edifícios, onde ele consegue tirar proveito de situações que poderiam ser prejudiciais. A proposta de implantação do edifício da nova malharia solucionou diversas dificuldades que o programa exigia. Os edifícios da fiação seguem o alinhamento da Rua Hermann Hering, que por sua vez apresentava

um pequeno desnível que deveria ser solucionado para atender as necessidades funcionais da empresa. Broos consegue solucionar essas dificuldades com sua implantação. Ao invés de continuar no alinhamento dos edifícios da fiação, ele faz um grande recuo em relação à rua e ao alinhamento dos edifícios existentes, conseguindo assim abrir espaço para a criação de um pavimento inferior, que na verdade se apresenta como térreo, devido a esse afastamento. Assim, o pavimento inferior possui uma fachada toda aberta para iluminação e ventilação natural e o fio produzido na fiação entra na malharia pelo mesmo nível. Além desse fator funcional, esse afastamento do novo edifício permitiu criar uma perspectiva visual em direção ao edifício histórico da fiação, valorizando-o ainda mais.

O edifício da malharia apresenta diversas soluções arquitetônicas próprias, como a adaptação ao sítio físico, em que é obrigado a trabalhar com desníveis, pois o edifício da malharia é uma continuação do sistema produtivo iniciado na fiação. Porém, no edifício da malharia podem-se perceber algumas semelhanças com o edifício projetado em Blumberg, onde Broos foi o arquiteto coordenador do projeto de Eiermann. Existem grandes semelhanças em alguns objetos arquitetônicos em que os arquitetos conseguem tirar diferentes partidos. Enquanto Eiermann projeta o volume da escadaria para dar um volume à empena cega da fachada, Broos mantém a empena cega, porém com a diferença de nível do terreno, a altura dela fica bem menor.

Externamente o edifício da Alemanha possui uma fachada frontal praticamente cega, com o detalhe do volume da escadaria se sobressaindo ao bloco principal. Escadaria essa que faz a ligação do pavimento térreo com o pavimento superior no projeto de Eiermann. Na malharia projetada por Broos em Blumenau, a fachada frontal da edificação é totalmente fechada, formando um bloco único, e o volume da escadaria é projetado na fachada lateral da edificação, repetido por uma vez. O volume da escadaria, que no edifício de Eiermann fazia a ligação do térreo com o superior, agora faz a ligação do térreo (que fica no nível da rua) com o inferior (que fica no nível da fiação). O volume da escadaria, ao invés de levar do térreo ao pavimento superior como na Alemanha, leva do térreo ao pavimento inferior, ou seja, enquanto no projeto de Eiermann o volume nasce do térreo para cima, no projeto de Broos o volume se adapta melhor ao sítio físico, como se ficasse encaixado no “ninho” criado pelo recuo e desnível entre a edificação e a rua.

Para reafirmar esta sensação, Broos trabalha as aberturas, num sistema de cheios e

vazios, que determinam a volumetria lateral com muito mais horizontalidade. Horizontalidade que ganha maior convicção com a marquise que demarca a entrada principal do edifício. O jogo de cheios e vazios aparente nas circulações laterais externas se estende também pela circulação vertical da escadaria, onde os degraus vazados permitem esse jogo. Broos aproveita também os elementos estruturais para tirar partido, como por exemplo, os tubos de queda de água da cobertura que ficam embutidos nos pilares duplos, assim como Eiermann já havia feito em seu projeto na Alemanha.

Além da fachada do volume principal, é possível perceber alguns detalhes arquitetônicos que relacionam as duas obras, como as quedas pluviais entre os vãos dos pilares externos e a ideia de rasgos laterais para a iluminação. Com a experiência já adquirida, Broos projeta diversas soluções arquitetônicas que melhoram o conforto no ambiente de trabalho, como a disposição das aberturas em cotas mais altas e em vãos maiores, visto que o clima de Blumenau é o oposto da Alemanha, com verão quente e úmido.

O antigo núcleo inicial da matriz e a implantação das novas edificações

As conexões elaboradas por Broos, entre as edificações históricas, natureza e as novas edificações, aparecem nas suas diversas formas de interpretação (Figura 3). Analisando a forma como as vias foram projetadas, por exemplo, alguns recuos redistribuem o fluxo principal que anteriormente vinha da Rua Hermann Hering para as laterais dos novos edifícios da costura e beneficiamento, fazendo com que o tráfego interno não comprometa o projeto. Pelo projeto de Broos, a rua histórica serviria para a entrada dos dirigentes e dos visitantes, pois as fachadas das edificações preservadas estão voltadas para esta rua. O Ribeirão do Bom Retiro foi canalizado e foi projetado um novo edifício, que separa a entrada dos funcionários de um lado e dos veículos do outro, que funciona como um eixo articulador dos fluxos, perspectivas e de diferentes percepções do espaço (Figura 4). Novas edificações como a “nova costura”, o refeitório e a área social (com terraço jardim) e edificações seculares preservadas (edifício da antiga costura de 1897, antigas residências da família Hering e refeitório) se relacionam, formando assim uma ambientação cultural.

Esse eixo articulador define um novo eixo em direção ao setor administrativo. O edifício com o terraço jardim na cobertura faz a marcação desse eixo e define também as entradas, de um lado os pedestres e do outro os veículos. Esse eixo é reforçado pelo entorno, de um lado as edificações preservadas e do outro a Natureza, que

ajudam a configurar a perspectiva em direção aos edifícios mais importantes do complexo fabril. Lado a lado, o edifício fabril mais antigo do complexo industrial preservado (1897) e o novo edifício administrativo.

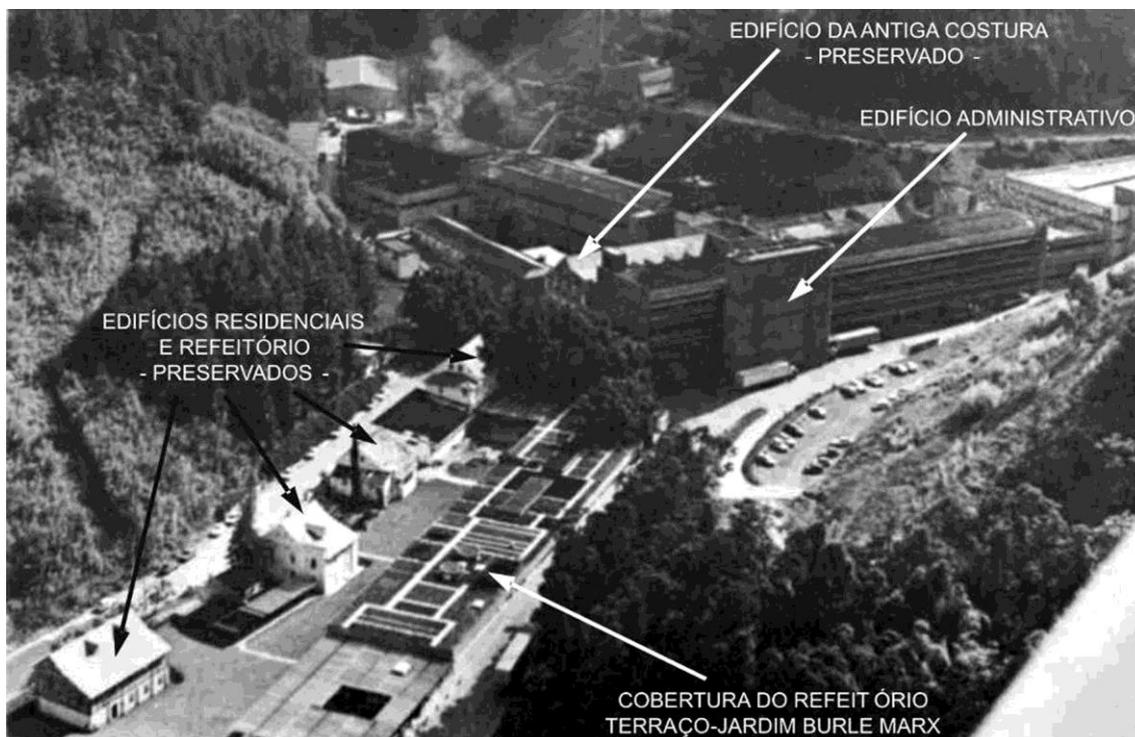


Figura 3: Núcleo inicial da matriz e as novas edificações na década de 1980. Fonte: Hans Broos S.C. Ltda. Elaboração: Bielschowsky, 2009.

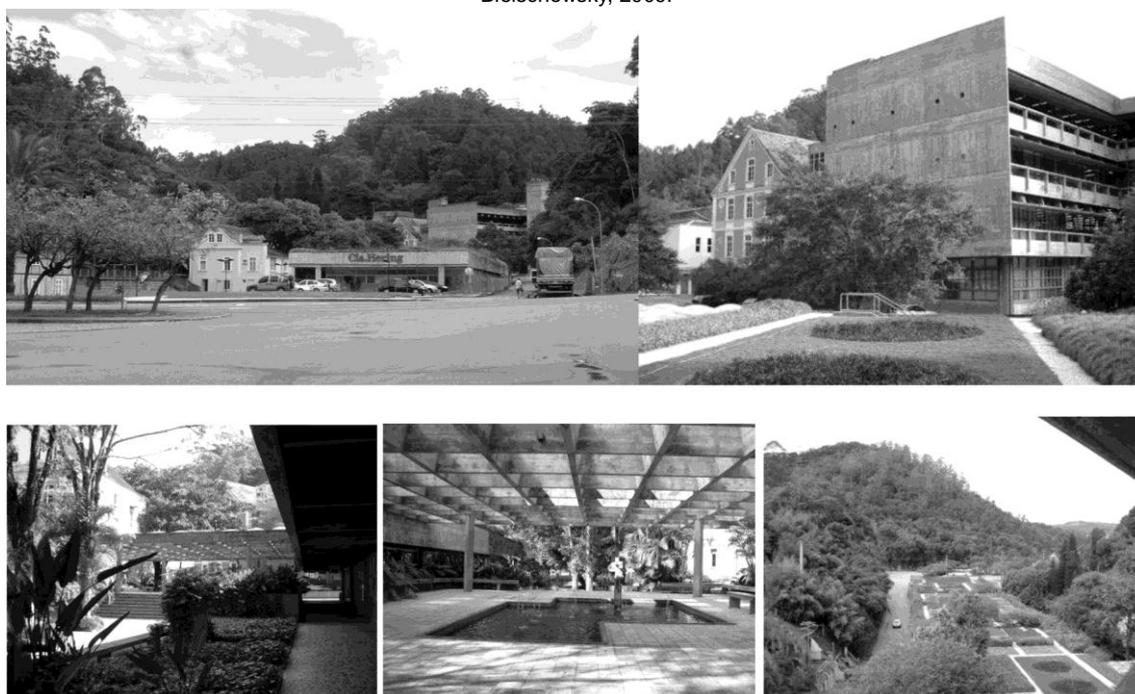


Figura 4: Eixos e perspectivas no núcleo inicial da matriz. Fonte: Bielschowsky, 2009.

Com relação a amarração espacial e visual, o eixo ocupado anteriormente pelo

Ribeirão do Bom Retiro foi mantido livre, com edificações preservadas de um lado e o novo edifício do refeitório, que devido a sua forma longínqua, reforça esse eixo. A perspectiva final do eixo, para quem olha da Rua Bruno Hering, acaba sendo exatamente entre o edifício histórico da antiga costura e a empena cega da nova costura, ou seja, um ponto focal em que o arquiteto pensou muito para chegar a essa implantação e necessitou de grande capacidade e conhecimento para projetar esse relacionamento entre o novo e o antigo edifício da costura.

Uma das grandes experiências na formação de Broos durante o período de atuação profissional ao lado de Egon Eiermann, foi o privilégio de participar do estudo para o projeto da *Kaiser-Wilhelm-Gedächtniskirche* em Berlim, um marco arquitetônico da representação da II Guerra Mundial. Apesar de o projeto ter sido executado entre 1959-1963, Broos participou da elaboração do projeto, na concepção dos conceitos. Após longas discussões envolvendo grandes pensadores alemães, Eiermann conseguiu elaborar seu projeto de forma inusitada, mantendo as ruínas da igreja bombardeada e projetando uma igreja totalmente fora das expectativas da sociedade, ao invés de apenas reconstruir a igreja como era antes. O projeto respeita o gabarito da antiga torre, porém a edificação principal se dilui na paisagem, seja pelo seu gabarito mais baixo, ou seja, pela sua transparência dada pelos elementos vazados, de maneira a não concorrer em hipótese nenhuma com o marco mais significativo.

Prosseguindo pelo acesso de pedestres, o funcionário ou o visitante chega à praça social, que no projeto original é o ponto de maior importância, pois remete à água do Ribeirão do Bom Retiro, fator decisivo na escolha do local para a implantação da empresa, exatamente onde passava o ribeirão. Além da água, apenas uma cobertura vazada e translúcida faz a conexão entre o novo edifício com o terraço jardim na cobertura e a primeira edificação da família Hering preservada, com total permeabilidade desse espaço. Ao final da perspectiva é possível avistar o edifício industrial mais antigo do complexo fabril preservado, que é o da antiga costura (1897). Em cima do terraço jardim as perspectivas são muito interessantes, para um lado o Vale do Bom Retiro e o edifício do antigo refeitório preservado e para o outro lado o atual edifício administrativo e o edifício da antiga costura preservado (Figura 5). No projeto paisagístico de Burle Marx para o terraço jardim, a vegetação vai alterando sua coloração constantemente ao longo do ano.



Figura 5: Relações entre as edificações e dessas com o meio ambiente. Fonte: Bielschowsky, 2009.

O edifício da nova costura – atual setor administrativo

O próximo edifício a ser analisado foi concebido para ser a “nova costura”, mas acabou se tornando a sede administrativa da empresa, visto que o edifício-ponte planejado para tal fim não chegou a ser concretizado. O edifício que atualmente é utilizado pelo setor administrativo da empresa aparece na posição vertical, fazendo a amarração espacial e visual do edifício histórico da “antiga costura” de 1897 com a parte do refeitório e área social.

O edifício do atual setor administrativo projetado por Broos merece maior atenção, pois além de sua implantação marcar e definir a organização o espaço, sua localização e a relação com o entorno é privilegiada. De um lado a Natureza do ambiente natural, que é reforçada pelo paisagismo criado pelo homem na cobertura do edifício com o terraço jardim que define o novo eixo principal deste núcleo, e do outro lado a valorização da edificação histórica para a elaboração de uma ambientação cultural privilegiada. O final da Rua Hermann Hering, já dentro do complexo fabril, perde seu sentido de via funcional para a passagem de veículos e ganha ares de passeio, emoldurado pela presença física das edificações do antigo refeitório, das antigas residências dos empresários e da antiga costura, todas preservadas.

O destaque dado ao volume da circulação vertical, assim como no projeto da malharia, já havia sido executado em projetos na Alemanha, como o projeto da *Neckermann Versand AG*, em Frankfurt am Main. Novamente, apesar de o projeto ter sido executado entre 1958-1961, Broos participou da elaboração do projeto, na concepção

dos conceitos. Provavelmente o detalhe da entrada principal e o bloco de circulação vertical destacados do volume principal de 300 metros de comprimento projetado por Egon Eiermann influenciaram na fachada lateral do edifício da nova costura.

A fachada do lado direito do edifício da nova costura é aberta à natureza primitiva e protegida por um sistema de quebra sol feito com empenas de concreto moldadas na obra junto com a estrutura do edifício. Essas passarelas servem como circulação e tem uma vista privilegiada para o terraço jardim projetado por Burle Marx. A torre de circulação vertical do edifício fica em destaque, pois mantém uma boa distância e serve como elemento de plasticidade e de marcação vertical.

A passarela que faz a conexão entre a circulação vertical e o edifício, além de fazer a separação formal entre as funções, oferece ao indivíduo que sobe por essa torre mais “fechada” e posteriormente passa por esta conexão “aberta”, uma sensação de liberdade para ambos os lados, inclusive para o terraço jardim assinado por Roberto Burle Marx. A circulação ganha então um novo significado, o ato de passagem serve também para contemplação, seja da iluminação, da ventilação, da natureza ou da vida de uma forma mais abrangente. Esse espírito de contemplação e integração com a natureza ou neste caso, com a edificação histórica, é o que Broos considera como o “espaço formador de cultura” e é para isso que o arquiteto deve estar preparado, para saber revelar o ambiente natural, criando o diálogo entre o ser humano, o Divino e a Natureza.

Broos demonstra aqui várias de suas qualidades adquiridas já na Europa, no período de reconstrução do pós-guerra, onde se discutia profundamente a questão de como intervir em espaços de importância histórica e cultural, implantando uma linguagem nova, que marcasse o “novo”, mas que dialogasse com o antigo. A inserção do novo edifício ao lado do antigo (Figura 6) demonstra o respeito pelo patrimônio edificado e a história do local. Broos projeta na fachada principal de seu edifício apenas uma “parede cega”, com alguns detalhes na textura do concreto aparente, mas que não tenta em nenhum momento competir com o patrimônio de mais de 100 anos. Além do respeito, essa empena de concreto é destacada por ficar mais à frente do edifício existente e por não tocar no chão, deixando esse bloco novamente independente do chão e do edifício. Entre os dois edifícios (que em princípio seriam para a mesma função: nova e antiga costura) é colocada a circulação, que serve também de acesso entre os edifícios, e que faz também uma marcação vertical entre eles.

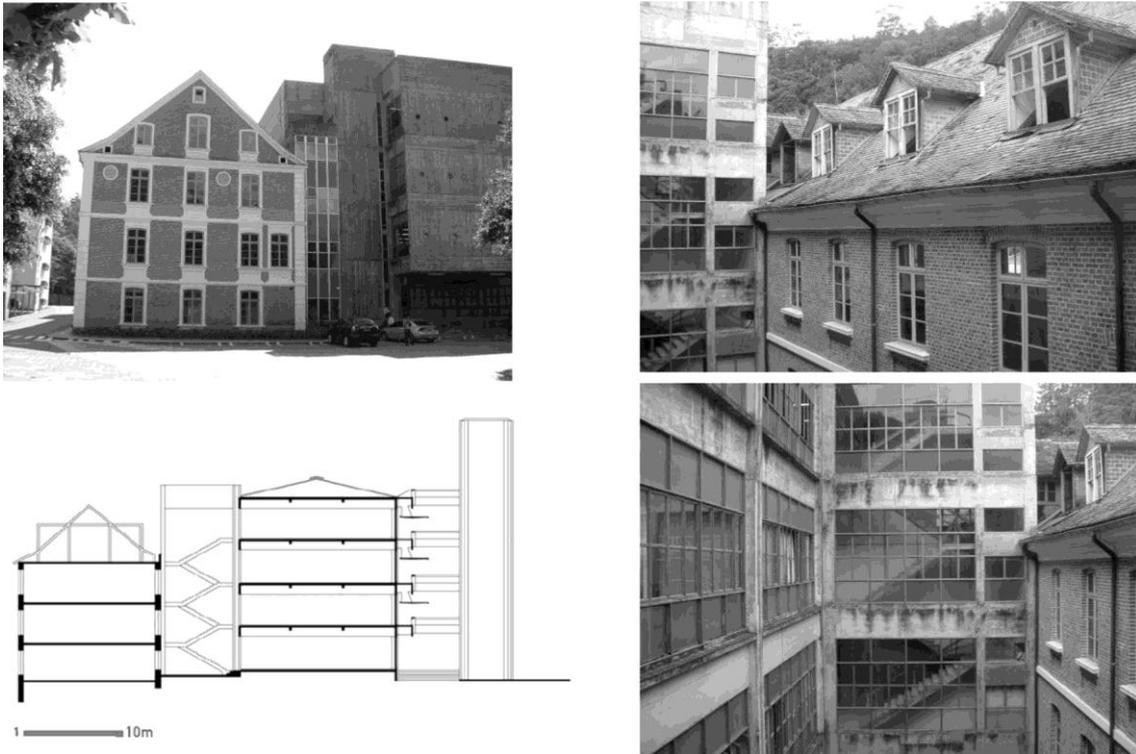


Figura 6: Corte esquemático e imagens da nova costura e a sua relação com a edificação histórica. Fontes: Daufenbach, 2006 e Bielschowsky, 2009.

A empena praticamente cega demonstra que a nova edificação não concorre com a obra histórica, e que tem seu valor exatamente por isso. A estrutura do edifício é independente, assim como a fachada frontal que permite certa liberdade no térreo. As circulações externas ficam livres do edifício principal, em balanço, aproveitando as lajes nervuradas que vencem grandes vãos. Fica clara a intenção de deixar a empena de concreto solta do edifício principal e do chão, pois o vão aberto vai de fora a fora, de um lado ao outro. Utilizando o concreto armado, Broos projeta o quebra sol e o guarda corpo como se fossem simétricos para quem observa o edifício de longe. Novamente Broos projeta com a relação entre cheios e vazios que dão certa horizontalidade ao edifício.

“(…) procura de horizontalidade, jogos de níveis quase sempre reunidos num bloco único, destacado do chão, tratamento cuidadoso da estrutura de concreto armado aparente. Elementos de circulação têm função destacada: se internos, definem zoneamento e usos, se externos sua presença plástica é marcante. A tecnologia empregada é a do concreto armado ou protendido, fundido in loco, utilizando lajes nervuradas, pórticos, pilares com desenho diferenciado, sempre com vãos livres e balanços amplos. Uso de sheds, grandes empenas de concreto usadas como quebra-sol ou plano de reflexão de luz, jogos de iluminação zenital/ lateral, volumes anexos

com estrutura independente”. (ZEIN, Ruth Verde. Projeto, n.53 julho 1983, p. 81)

O corte esquemático demonstra a relação e a interdependência entre o edifício novo e o edifício histórico à esquerda, e do mesmo com a natureza à direita. O edifício é projetado “solto” da edificação histórica, apenas conectado por escadarias que dão acesso e fazem a integração, ao contrário da torre de circulação projetada para o edifício, que faz uma separação clara entre a circulação vertical e o edifício proposto, além de ser utilizado como elemento plástico e de marcação vertical.

Como o edifício é projetado com estrutura independente e aberturas contínuas por toda a lateral do conjunto, podemos perceber aqui dois pontos importantes e decisivos no projeto de Hans Broos, que são a integração e respeito com a natureza e o patrimônio construído. De um lado do bloco temos a visão da natureza primitiva e do outro lado o patrimônio edificado, conectado por acessos, porém solto, a certa distância (e não colado), para que se tenha uma apreensão do total da edificação, possibilite a entrada de iluminação e ventilação natural, formando uma espécie de “jardim interno aberto”, e tendo a cultura edificada como pano de fundo. São conceitos de cunho mais filosófico, que com o conhecimento da técnica e a experiência adquirida, potencializam o partido arquitetônico adotado.

No edifício de beneficiamento e tinturaria, Broos projeta uma edificação mais singela, com estrutura em concreto armado aparente, porém com fechamento em alvenaria aparente, com a função de fazer a relação com o edifício histórico em alvenaria aparente, porém com uma linguagem muito própria. O recuo do edifício em relação a via projetada e sua forma de implantação, criam um espaço verde de respiro e garantem uma perspectiva em direção ao edifício histórico da costura. Novamente utiliza elementos estruturais como os pilares duplos para aproveitamento dos tubos de queda de água. Já no edifício da tinturaria, faz questão de demonstrar alguns elementos plásticos, como a própria saída de água da cobertura através de pequenos caixotes que rasgam a alvenaria e no elemento de circulação vertical externa.

No complexo arquitetônico e urbanístico da matriz da Cia. Hering, Broos conseguiu reunir conhecimentos funcionais e programáticos, adequando necessidades econômicas e espaciais com a funcionalidade e conforto na vivência de seus espaços. Para ele, o edifício industrial não é um mero local de produção, mas um espaço habitável, cujo valor cultural é formador de hábitos, sem prejuízo na funcionalidade e no sentido de valorização da empresa. Espaços de encontro e lazer integrados com locais de produção, tecnologias adequadas e respeito ao sítio, seja preservando as encostas ou os antigos edifícios históricos ajudam a contar a história da empresa

(Revista Projeto, janeiro de 1984).

Resumindo em poucas palavras o pensamento do arquiteto Hans Broos, depois de uma vasta experiência em diferentes ambientações e culturas diversas:

“A execução das obras culturais em território desta extensão (se referindo ao Brasil) exige além de preparação caseira e acadêmica, um condicionamento físico e espiritual fora do comum, para poder respeitar e vencer as diversidades históricas e ambientais das obras. Este empreendimento exige um trabalho de continua movimentação. Viagens de fiscalização e encontros se transformam (para o responsável) em ensinamento gratuito das qualidades da topografia e se transformam em diálogo com a Natureza. O profissional enfrenta o ambiente como um aprendiz, e quando preparado para a leitura e a interpretação das diferenciações históricas e ambientais, é quando compreende sua missão humana neste mundo: servir de intermediário na transformação dos valores naturais em valores espirituais”. (BROOS, Hans, em “Confissões improvisadas de Hans Broos”, junho de 2007)

Além desses edifícios, Broos projetou todas as unidades satélites da região e as fábricas da Cia. Hering no Nordeste. Foi consultor da empresa por mais de 20 anos. Esse espaço do complexo da matriz da Cia. Hering, desde a forma de apropriação do espaço natural e a constituição do um arquivo histórico a céu aberto, com edificações preservadas e as novas, onde se pode ter uma leitura das diversas fases da industrialização local, constitui um rico acervo de patrimônio industrial e a preservação de seu conjunto é fundamental.

Referências bibliográficas:

BIELSCHOWSKY, Bernardo Brasil. **Patrimônio Industrial e Memória Urbana em Blumenau/SC**, 2009. Dissertação (Mestrado em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

BROOS, Hans. Artigos publicados durante o ano de 1990. Blumenau: **Jornal de Santa Catarina**, 1990.

_____. **Confissões improvisadas de Hans Broos**. Blumenau, junho de 2007.

DAUFENBACH, Karine. **Hans Broos: A Expressividade da Forma**, 2006. Dissertação (Mestrado em Arquitetura). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

Egon Eiermann (1904-1970) Die Kontinuität der moderne. Städtische Galerie Karlsruhe und Bauhaus-Archiv Berlin, 2004.

FIGUEIRA, Archibaldo. **A Hering de Blumenau: Um século 1880-1980**. Blumenau:

Laborgraf, 1980.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HERING, Ingo. Indústrias. Desenvolvimento da indústria de Blumenau. **Centenário de Blumenau: 1850 – 2 de Setembro – 1950**. Blumenau, [s.n.], 1950.

JEUDY, Henri-Pierre. **Memórias do Social**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

PIMENTA, Margareth C. A. A expansão da atividade têxtil e da confecção em Santa Catarina. **Revista Geosul**. Florianópolis, v.11, n.21/22, p.58-91, 1996.

_____. Cultura teuto-brasileira e a cidade industrial de Blumenau em Santa Catarina. **Revista Dynamis**. Blumenau, v.6, n.24, p. 62-83, Julho-Setembro 1998, Editora da FURB, 1998.

SANTOS, Milton. **Pensando o Espaço do homem**. São Paulo: Hucitec, 1982.

_____. **Espaço e Método**. São Paulo: Nobel, 1985.

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil 1900-1990**. São Paulo: EDUSP, 1997.

SIEBERT, Claudia A. F. **Estado e Indústria: A Reestruturação Produtiva e o Reordenamento Territorial do Médio Vale do Itajaí - SC**, 2006. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

WITTMANN, Angelina C. R. **A estrada de ferro no Vale do Itajaí**. Blumenau: EDIFURB, 2001

WEIMER, Günter. **Vida e Morte da Cidade Teuto-Gaúcha**. In Urbanismo no Rio Grande do Sul. WEIMER, Günter (org). Porto Alegre: UFRGS, 1992.

ZEIN, Ruth Verde. **Revista Projeto**, n.53, julho 1983, p. 81.